



A grande atriz IDA RUBINSTEIN tratando dos feridos da guerra n'um hospital que ela organisou em Paris

(«Glicias M. Branger».)

Segunda série — N.º 465

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 18 de Janeiro de 1915

Director: J. J. DA SILVA GRACA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRACA, L.ª
Editor: José Joubert Chaves

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAHANHA:

Redação, administração, off. de composição
e impressão: RUA DO SEculo, 43

Edição semanal do jornal
O SEculo

Trimestre...	1820 cent.	Numero avulso
Semestre...	2840	10 centavos
Ano.....	4880	

Agencia da ILUSTRACAO PORTUGUEZA em Paris, rue des Capucines, 8

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispozo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedor exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais. — Escritorios e depositos:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 275 PORTO—49, Rua de Passos Manoal, 51

Enaereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telefonico: **Lisboa, 605—Porto, 117**

CAPITAL

Ações.....	360.000-000
Obrigações.....	323.910-000
Fundos de reserva e de amortisação.....	266.400-000
Réis.....	950.310-000

Sede em Lisboa. Proprietaria

das fabricas do Prado, Marianaia e



FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre—PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-00

ASENSOR

REMEDIO FRANCÊS



Em todas as pharmacias ou no Deposito Geral, J. DELIGANT, 15, rua dos Sapateiros, LISBOA. Franco de porte e com 2 Fr. esc.

PARA ENCADERNAR A

“Ilustração Portuguesa”

Estão á venda bonitas capas em percaline de fantasia para encadernar o **PRIMEIRO SEMESTRE de 1914**, da *Ilustração Portuguesa*. Desenho novo de otimo effeito.

PREÇO: 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remediada em vale do correlo ou selos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO «SECULO»

Rua do Seculo, 43—LISBOA

O Seculo Agricola

SEMANARIO ILUSTRADO de ensino pratico de agricultura, jardinagem, criação de animaes, etc.

PREÇO, 20 RÉIS CADA NUMERO

Resposta a consultas; pre-tação de serviços technicos: analyses e informações.

FOR ASSINATURA: Trimestre, 25 centavos

A MAIS BARATA PUBLICAÇÃO DO GENERO

Os suíços do Papa

O Vaticano tem tido, nos últimos dias, sucessos sobre sucessos. Tudo indica que a política habil do antigo secretario de Rampolla — o pequenino cardeal De La Chiesa, sobre cuja cabeça já parece enorme a tiara de Urbano IV — reservará á curia romana um decisivo papel na solução do conflito europeu. A presença do embaixador inglez no Vaticano; o exito das negociações com a Alemanha para a troca de prisioneiros de guerra; a intervenção de Benedito XV no episodio do cardeal arcebispo de Malines; os desejos expressos pela Holanda no sentido da criação d'uma embaixada junto da Santa Sé; por ultimo, se não é blague do sr. Pichon, a annunciada missão japoneza a Roma, — constituem outros tantos triunfos diplomaticos cuja significação não é licito desconhecer. Mas como não ha felicidade completa, — agora, que toda a gente, fóra do Vaticano, está contente com o Papa, ha se revolte contra ele.



quem, dentro do Vaticano, se revolte contra ele. São os seus soldados. Porquê? O que alegam os suíços da guarda papal como justificação do seu ato de rebelião? O excessivo serviço. Curiosa coisa! Os soldados de quasi toda a Europa batem-se, ao frio, á neve, á fome, ás balas, — e são os gordos suíços do Papa que se sentem fatigados!

Enfermeiras

Diz-nos o telegrafo que acabam de ser expulsas dos campos de concentração de prisioneiros em França tres enfermeiras que se apaixonaram por tres feridos alemães. Como não consta que se tivessem adotado igual procedimento para com as centenas de enfermeiras bonitas que devem ter-se apaixonado por feridos francezes, — é de crer que a or-



dem do general Gallieni fosse ditada, não por considerações exclusivamente disciplinares, mas por motivos declaradamente patrioticos. As pobres raparigas foram expulsas, não por se terem namorado de tres feridos, mas por se terem namorado de tres alemães. O illustre general, se não fosse tão velho, teria sido, de certo, mais tolerante. Ha pai-

xões que a decrepitude esquece e que os setenta anos já não entendem. Que poderá nascer, senão o amor, d'esse encontro supremo da maior virtude do homem, — a bravura, e da maior virtude da mulher, — a piedade? Como queria Gallieni que, n'essas almas sin.ples de raparigas, um culto essencialmente politico — o amor da patria — podesse dominar uma paixão essencialmente humana — o amor por um homem?

Madame X

O comando da policia expelliu ha dias uma ordem de serviço proibindo severamente, sob pena de prisão, que se persigam mulheres na rua e que se dirijam ga'ntes ás senhoras que passam. Li a ordem policial a M.^{me} X durante o nosso chá das



cinco horas, e confessei-lhe que a tinha achado de primeira ordem. A minha illustre amiga poisou a chicara, franziu as suas lindas sobrancelhas loiras que lhe dão o ar d'uma figura de Memling, e interrogou-me quasi agressivamente: — «O senhor faz favor de me dizer que mal fizeram as mulheres ao sr. comandante da policia? E como eu a olhasse sem compreender, continuou: — «Sim, que mal lhe fizemos nós, para ele nos privar do maior prazer que póde ter uma mulher, — que é o de ser seguida e cortejada na rua? Então o sr. comandante da policia não sabe que um galan'cio é sempre um encanto, — mesmo quando é uma grosseria? Não sabe que, lá bem no fundo, todas as mulheres gostam que as desrespeitem um pouco, e só não perdoam a quem as respeita de mais?» Quando M.^{me} X acabou, eu tomei o meu chá e conclui que nós, homens, cada vez percebemos menos de mulheres.

Alma ajoelhada

E' pena que não seja já o talento subtil de Augusto de Castro a comentar, em duas palavras admiraveis, os livros da semana. Cabe hoje a vez, n'este registo literario, a um livro todo emoção, todo sensibilidade, todo nervos, todo cor, em cuja arte intensa e doentia passa por vezes, n'um frémito de aza, n'um clarão de joia, a alma de Oscar Wilde. São as novas poesias de Alfredo Pimenta. Desde o *Candelabro* até á *Carta de Pierrot*, desde essa pagina vibrante do *Vestido*, que é perfeita, até ao soneto *Nec Spe nec Metu*, que é modelar, — ahí teem um livro que marca um temperamento, que fere a nota d'um vivo pessoalismo, e que nunca será, portanto, nem moderadamente louvado, nem moderadamente discutido.



JULIO DANTAS.

(Ilustações de Manuel Gustavo)



O BEIJO DA MORTA

ELE amará-a loucamente, alucinadamente. Amará-a com um d'estes amores sinceros e fortes, que são da vida o primeiro despertar

d'uma alma, o alvorecer d'um dia imenso, sem noite e sem amanhã. Amará-a com amor ardente e casto, sem a mácula vil d'um desejo, n'um quasi arroubo de crente ou de místico. Conheciam-se d'ali, d'aquelas janelas altas, em duas mansardas visinhas, onde vicejavam muitas de botões de ouro, e de violetas, tendo sob os olhos todo um canto da cidade, por cima o céu claro, lá longe uma faixa do Tejo espelhante, e terras da Outra Banda, azuladas na nevoa clara.

Guiomar era pobre; Afonso era pobre. Ela era modista; ele estudante de medicina. Afonso lecionava para viver; Guiomar trabalhava para viver. Ela era debil, fraquinha, palida. Os seus olhos densos, d'um negro profundo e calmo como a agua d'um lago, afundavam-se entre cilios longos, cercados de sulcos violaceos, denunciativos de preságios males.

— Que tens? que tens tu?! — perguntava-lhe Afonso, uma ou outra vez, vendo-a pendida sobre a costura, com uma tosse pequenina que a não deixava, mas sorridente sempre, alegre e feliz como uma ave. — Porque me não dizes o que sentes?

Guiomar, sorrindo n'um disfarce, attribuia a qualquer disposição passageira o seu abatimento visível. — Mas estava bem — afirmava-lhe, envolvendo-o n'um olhar de reconhecimento. — Sentia-se bem; apenas um pouco fraca, com vagas dores no peito. Quem sabe se seria do tempo, de ter dormido mal?...

E fixando-o muito, n'um enlevo, com uma doçura infinita:

— Has de vêr... Vem a primavera, vem o

sol... Tudo passa. Havemos de ir até ao campo, aos domingos. Preciso de passear...

Ele ficava embevecido. Dois anos lhe faltavam para a formatura. Casariam debois; a ela não lhe faltaria nada. Quem sabe se outros cuidados, menos trabalho... Ele arremessar-se-hia á vida, lutaria, venceria afinal.

— Serás minha—dizia-lhe.—Terás então tudo aquilo de que careceres. Todas estas cancelas, estes cuidados — tudo isto ficará na nossa vida como uma recordação suave d'um passado de amor e de esperanças...

Assim conversavam; assim se enluqueciam...

Mas Afonso vivia inquieto. Táras degenerativas ancestraes haviam-o convertido n'um doente. um supersticioso, um alucinado. Dementavam-o pesadelos de uma intensidade macabra e horrivel. Desde creança produziam-se com ele estranhas anomalias de morbidez psiquica, que a ciencia estuda, e que a ciencia ignora.

— Tenho um receio supremo de acabar louco—dizia ele, aos intimos; prevendo a trajetoria inevitavel do seu caso mórbido.—Ante-vejo nitidos já, perceptíveis n'esta semi-lucidez que me dá a visão tragica da realidade, os sintomas da perseguição, a monomania religiosa, o delirio visionario—qualquer d'esses singulares desvios do espirito, que são na marcha de uma existencia os prodrómicos da perda da razão e a fronteira da morte.

Guiomar ignorava a doença de Afonso. Ele ocultara-lh'a sempre. Para que revelar-lh'a, para que exacerbar-lhe com as suas as proprias angustias? De resto, Afonso sofria por vel-a sofrer. Quantos doutores consultados e quanto remedio inutil! E a doença que não resistia: o mal que célere se agravava!

— Estamos no verão — dissera-lhe um especialista, falando-lhe de Guiomar, confidencialmente.—Vem o outono e, como sabe, o outono é inexoravel com estes males.

—Mas não ha uma esperança?—objektára-lhe o estudante.

—Porventura outros ares, um regimen diferente. Era uma tentativa apenas. . .

—E se nós experimentassemos?!

Mas um volver de hombros do clinico pareceu traduzir uma impossibilidade absoluta.

Afonso, comovidissimo, alvitrou ainda a conveniencia de uma estada no campo, sugeriu o emprego de um novo sóro cuja efficacia se annunciava, e, alheadamente, incertamente, perguntou se nada, em verdade, era licito tentar com exito.

—Para que iludirmo-nos?— tornou-lhe o medico, n'uma indifferença propria de homem a quem a morte se torna familiar, á força de vê-la e de esperal-a.

—Nada então a tentar?!

—Paliativos—rematou o doutor, na fria impassibilidade que gera o contacto com a desgraça, a familiaridade com os destinos.

E estendendo-lhe a mão:

—Olhe: regimen e nada mais. Evitar o trabalho, as emoções. . .

Dias volvidos, Afonso adoecia tambem, acamava. Guiomar, intranquila, peorou, recolheu ao leito. Estava cheia de preocupações e de desalentos. Não tinha ninguem que por ela velasse, e por caridade de visinhos, foi removida para o hospital.

—E agora?—perguntava Afonso a um discipulo, o assistente d'ela; interrogando-o sobre a marcha da doença, e desesperando-

se por não poder ser ele, com saude e forte, o seu enfermeiro vigilante. — E agora?!

— Espera — volvia-lhe o amigo, mal podendo ocultar-lhe a eminencia do desenlace

—Ha sempre um esperança. Tem tu essa esperança.

Mas Afonso desolava-se. Convalescente ainda, não se conteve, não puderam detel-o. Correu a vêr Guiomar. E ia confiado, cheio de alentos. Uma fé enorme, imensa, absoluta, galvanisava-lhe as forças, dava-lhe energias.

«Salval-a-hei! Salval-a-hei!» — ia dizendo consigo: «E' impossivel não triumphar!».

Quando chegou, porém, deram-lhe apenas uma noticia seca, rapida. — Queria falar á doente? mas como? Guiomar espirára ao anoitecer.

Afonso pareceu receber a nova indifferente mente, impassivelmente. Foi vê-la na luz frouxa de uma sala nua, em que mesas de marmore claro ostentavam corpos exanimes e regelados. Ali a encontrou rigida e incomparavelmente bela, n'uma beleza que ele desconhecera e que era eterea, impalpavel e quasi divina. O use corpo recortava-se sobre a ampla pedra oval em linhas finas, de um recorte tão puro como se fossem talhadas na luz. A carne macerada

parecia palpar e acender-se n'uma chama de neve ardente. Nunca ele a sonhára tão extranhamente perfeita, tão imaterialmente linda.

E observa-a sem uma emoção, calmo e sereno como um escolar observa o estudo anatomico da sua lição habitual. Os seus nervos,



a sua sensibilidade agudíssima, permaneciam como que anestisados perante este quadro da vida hospitalar. Artista apenas n'aqule momento spasmodico da sua alma, ele apenas admirava o marmore incomparavel que tinha deante de si, o bloco inerte de carne estilizado pela vida, e deificado e engrandecido pela morte.

Mas sentia-se fatigado, com a cabeça ardente como se uma lava a calcinasse. Apoiou-se sobre um banco. Dispoz-se a velar Guiomar. O que pensava? o que desejava? o que sentia? Nem acertadamente o poderia dizer. Uma hora volveu, duas talvez, um ano ou um seculo. Perdia a noção do tempo. Uma grande febre aquecia-lhe os membros, latejavam-lhe as arterias. Por momentos, uma como que embriaguez o dominou, o avassalou. Mas sentia-se lucido, vigilante. Tinha a noção de senhoreal-o uma consciencia absoluta do seu ser. Não desvairava nem delirava.

«E se eu lhe falasse, se me dirigisse a Guiomar? Afonso sentia uma ancia, um desejo estranho de falar á morta, de ouvir a sua voz. Porventura não me vê ella, não sente os meus pensamentos, não ouve o palpar do meu coração? Guiomar não está morta; ella vive. Repousa acaso; é um sono leve de que despertará. Porque lhe não falo? Ha tanto que lhe não falo!»

Afonso ergneu-se e fitou Guiomar como numa invocação suprema, os braços estendidos, n'uma exoração de préce. E lento e lento, o torço do cadaver pareceu alçar-se tambem, como se um suporte invisivel o erguesse. Elle viu, nitidamente viu, que os olhos da morta se descerravam e se iluminavam. Guiomar aconchegou dos seios as mãos alvas como espumas, sentou-se e quedou-se imovel.

Como uma aurora que se levanta, tons de aurora lhe rosaram as faces. Os labios tingiram-se-lhe de purpura. Um momento, como uma luz que nasce, a sua boca despregou-se n'um sorriso e a sua boca falou.

... Falou de amor, e d'um vago paiz remoto, onde os pezares dormem, e só a alegria vive. «Terra de sonhos em que as lagrimas se ignoram, as almas flutuam como fumos dispersos, e são como perfumes de rosa, que o vento derrama e transporta. Paiz de fadas e lendas, em que as aguas cantam, as aves se vestem de plumagens de oiro, e os soes que a iluminam tem o cromatismo doce do arco-iris. Terra bendita, onde a memoria de tudo o que é mau esquece, e só a Bondade reina, só a Bondade domina...»

Afonso, com o cerebro esbraseado n'uma febre calcinante, os olhos desmedidamente abertos n'uma anciedade tremenda, aproximara-se de Guiomar, escutando-a, arrebatado ante a magia da sua voz.

—Amas-me?—perguntou-lhe ella, volvido um breve silencio, fitando-o com um olhar onde ia todo o carinho d'uma alma eterea.

Afonso tomou-lhe tremulamente as mãos, que a febre do amor desregelára e aquecera. Sentiu-lhe junto ao peito o pulsar forte das arterias e aspirou-lhe o alento que o mesmo amor tornára anciano e forte. Junto ao seio, n'uma crise tormentosa, elle disse-lhe palavras loucas de louca e de incendiada paixão. Por momentos, como que sentiu que a sua alma se desprendesse e que voasse, que a alma d'ella se desprendesse e que voasse, e que as duas almas se enlaçassem, se fundissem n'um eterno amplexo e n'um eterno aneio.

—Amas-me?!—insistiu Guiomar, estreitando-o mais, e colando a sua boca em febre á boca d'elle em febre e ardente como um fogo.

Mas elle já não respondeu. Um tremor convulso sacudiu-lhe os membros. Uma vertigem, uma alucinação apavorante, impeliu-o n'uma vaga invencivel, e caiu sem vida.

Matára-o, fulminando-o, o beijo da morta!

Lisboa, 1914—
XII.

Eurico de Scabra.



As novas instalações da Associação dos Empregados no Comercio

1. O sr. Antonio Lopes Nogueira, presidente da Associação de Socorros Mutuos dos Empregados no Comercio de Lisboa — 2. O sr. Henrique Bernardo-Loureiro, secretario da direcção — 3. O sr. Manuel Caetano Alves, tesoureiro — 4. O sr. Pe-



dro Alexandre Durã, presidente do conselho fiscal — 5. O sr. Alberto Batista Ruivo, vogal da direcção — 6. O sr. Bernardo Augusto Araujo e Sousa, vogal da direcção — 7. O sr. Manuel da C. Lino, presidente da meza da assembleia geral



Para inauguração, no dia 10 do corrente, do novo edificio da Associação de Socorros Mutuos dos Empregados no Comercio de Lisboa, realiso-se uma sessão solene a que presidiu o sr. ministro do fomento e, entre outros oradores, falou o sr. dr. Alexandre Braga, ministro do interior, que teve frases que entusiasmaram os assistentes pelo acendrado patriotismo que as impregnava. Foi uma festa a to-



Completamente reformado o edificio, ficaram n'ele instaladas além das salas destinadas aos corpos gerentes e á assembleia geral, os consultorios medicos, casa de operações, enfermarias, banheiros, lavanderia e aposentos de um con-



8. O sr. dr. Paula da Camara, medico efetivo — 9. O sr. dr. Carlos Lopes, medico efetivo — 10. O sr. dr. Silva Araujo, diretor do servico de cirurgia — 11. O sr. dr. Leonel de Macedo, cirurgião ajudante — 12. O sr. dr. José Antonio da Costa Junior, me-



dico suplente — 13. A fachada do novo edificio da Associação de Socorros Mutuos dos Empregados no Comercio. (Antigo palacio de S. Cristovam) — 14. O sr. Alfredo dos Santos Reis, enfermeiro da Associação dos Empregados no Comercio.

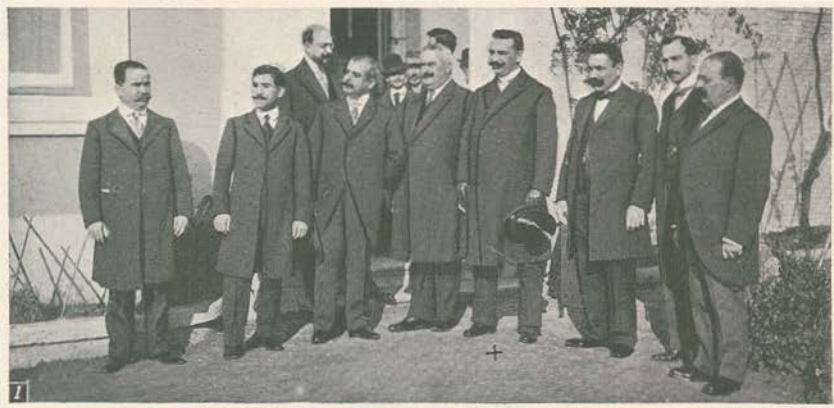
dos respeitos luzida, que deve perdurar no espirito de todos os associados e na Associação ficar como uma das paginas mais brilhantes da sua historia.

O edificio onde a Associação se instalou é o antigo paço de S. Cristovam, a S. Mamede, cujos fundadores a cronica desconhece. O que se sabe é que o paço tem uma tradição faustosa e que n'ele se celebraram as nupcias de D. Afonso e da infanta D. Leonor. com a assistencia da embaixada de Frederico III, imperador da Alemanha, e mais de



para recreio dos doentes.

O grande incremento que a utilissima instituição tomou desde 1910, deve-á dedicação dos seus corpos gerentes desde aquella data, mas muitissimo mais á actual gerencia, que vem desde o ano passado dirigindo os destinos da Associação, e que se compõe dos srs. Antonio Marques Nogueira, Manuel Caetano



O sr. ministro do fomento e a direção da Associação de Socorros Mtuos dos Empregados no Comercio de Lisboa

Alves, Alberto Batista Ruivo, Bernardo Augusto de Araujo e Sousa e Henrique Bernardo Loureiro, da direção, Pedro Alexandre Durão, Antonio Pinheiro de Sá e Antonio Lourenço Aparicio, do conselho fiscal, e Manuel Costa Lima, Adolfo Caleia e Anastacio Caminha, da assembléa geral.

Os serviços prestados por todos estes trabalhadores do mutualismo foram, na sessão solene realizada enaltecida pelos oradores que usaram da palavra e aplaudidissimos pela assembléa, na maior parte composta de so-

cios e suas familias, que assim agradeceram aos seus benemeritos consocios os lenitivos e cuidados com que podem contar nas suas doencas e o auxilio pecuniar

rio que será dado a suas familias quando lhes faltar o seu amparo.

Os serviços clinicos estão confiados aos srs. drs. Carlos Lopes e Vicente da Camara, medicos efetivos e drs. Silva Araujo e Leonel de Macedo, ajudantes do serviço cirurgico.



Na enfermaria: a visita medica examinando um doente



3. A sala das operações—4. Na enfermaria á hora da consulta: Curando um socio.—(«Clitêss» Benoitell.

FIGURAS E FACTOS

José Simões Coelho. — De regresso de uma larga viagem de propaganda pela America do Sul, como representante do «Seculo» e da «Ilustração Portuguesa», encontra-se em Lisboa o nosso amigo e distinto colaborador sr. José Simões Coelho. De uma grande actividade e fino espirito de observação, fez ele um inquerito minucioso sobre a evolução das relações luso-brazileiras, o que muito contribuiu para o bom desempenho da sua missão e representa belos elementos sobre que se podem até basear quaesquer medidas de caracter official, cada vez mais necessarias para o estreitamento dos laços commerciaes entre dois povos, laços que infelizmente se tem vindo



O sr. José Simões Coelho

afrouxando devido a multiplas circumstancias. Para se avaliar bem dos progressos do Brazil, da vastidão e riqueza do seu solo, de todos os largos recursos que lhe reservam o futuro de uma das primeiras nações do mundo, é preciso percorrel-o em viagem demorada de estudo intelligente como a de Simões Coelho, que trouxe tão belas impressões d'aquelle hospitaleiro paiz, com convicções arreigada de que devemos fazer todos os esforços para robustecermos as nossas velhas relações de amizade e de commercio com elle.

O nosso distinto colaborador volta dentro em poucos mezes ao Brazil para consolidar a sua missão jornalística.



A neve em Mangualde. — Mangualde é uma linda vila que defronta com a Serra da Estrela, recebendo d'esta os seus ares saudáveis e compartilhando tambem dos seus nevões que, oferecendo lindos espetaculos, transtornam por vezes o livre andamento nas estradas, pelas camadas de neve que n'elas se acumulam. E este ano já ali caiu neve em tanta abundancia que em alguns pontos, como em frente do Club da vila, o sr. Antonio Paulo de Campos Junior, vereador municipal e proprietario d'ali, encontrou dificuldades em fazer avançar o seu automovel, como se vê da fotografia que gentilmente foi oferecida á «Ilustração Portuguesa».



O sr. A. Paulo de Campos Junior, com o seu automovel encravado na neve. — 3. Um aspecto do nevão. — (Clichés dos distintos fotografos Correia & Moreira).



O sr. João Pinto O. Rodrigues, violinista e distinto tenor, falecido em Lisboa.

O sr. António F. Maciel da Gama, chefe reformado do corpo de bombeiros municipais de Lisboa, há dias falecido.

O sr. Manuel C. Rosmani, abastado capitalista e proprietário em Agulm, all falecido.

O sr. Augusto Antonio dos Santos, funcionario superior das alfandegas, aposentado, falecido em Lisboa.

O sr. Bernardino de Pina Sobral, professor aposentado em Maceira, Fornos de Algodres, all falecido

O sr. Paulo Sales Ribeiro, membro do «comitê» Pro-vitimas da guerra, da iniciativa do «seculo», em Sacavem, onde faleceu.

José Ferreira do Amaral. — No seu palacete do Lumiar faleceu há dias o sr. José Ferreira do Amaral, conhecido capitalista e um dos mais importantes agricultores e proprietarios de S. Tomé.

O extinto foi um modelo de quanto pôde a tenacidade e o amor ao trabalho para se fazer fortuna. Tendo tido para a Africa pobrissimo, conseguiu logo um lugar de destaque entre os seus patricios, dando enorme impulso ás propriedades que adminis-



Sr. José Ferreira do Amaral

trava. Pouco depois era proprietario e, devido ao seu espirito empreendedor, tornou-se um grande capitalista, vindo para Lisboa animar com o seu dinheiro muitos comerciantes e industrias que á sombra d'ele se abrigavam para desenvolverem os seus ramos de atividade. O finado era um dos maiores obrigacionistas dos caminhos de ferro do Norte e Leste, onde tinha grandes propriedades.

A morte do sr. José Ferreira do Amaral foi sentidissima.



Directoria do «Manaos Sporting Club» e a comissão de senhoritas que a auxiliaram. Da esquerda para a direita: Sentadas: As sr.^{as} D. Maria Amelia, Candida Frota e Silva, Myrina Azevedo e Celeste Maia. Em pé: srs. José Maia, José da Mota Vieira, (representante do Pro-Patria), dr. Manuel Costa, secretario, Edgar Freitas, presidente, Americo Coelho, tesoureiro e Ariolino de Azevedo.



Virgilio da Fonseca

A Casa Fonseca & Fonseca. — Como já dissemos, reabriu inteiramente transformada, a Casa Fonseca, no Rocio n.^{os} 4 e 5, que continua a ser muitissimo concorrida pela sua numerosa clientela. Os seus proprietarios, srs. Bernardino Rodrigues Fonseca e Virgilio da Fonseca, tem visto coroados do melhor exito os esforços que empregaram na montagem do seu estabelecimento, sem duvida um dos mais elegantes de Lisboa.



Bernardino Rodrigues Fonseca.

O Velho Mundo em guerra

No teatro oriental da guerra é que os sucessos dos últimos dias acentuaram melhor as vantagens dos aliados. Na linha flexuosa da batalha, que do norte da França vae pela Belgica até ao mar, assinalaram-se triunfos para os francezes, belgas e inglezes; mas onde os alemães e os seus aliados experimentaram mais serios revezes foi nos seus proprios territorios, nos quaes a Russia e a Servia continuam a avançar denodadamente.

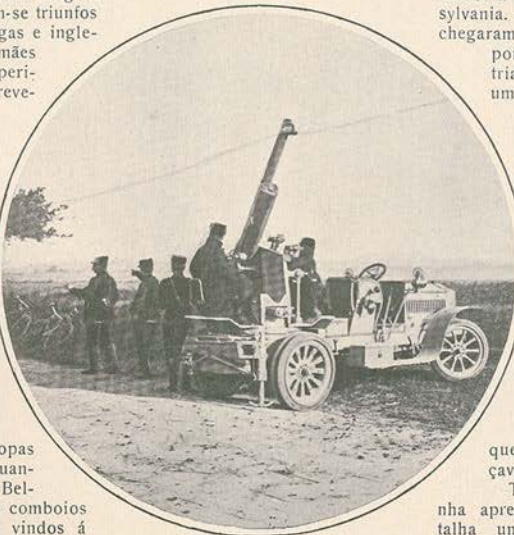
Eles bem procuram sair das talas em que se meteram. As suas tropas andam n'uma contradança do oriente para o occidente e vice-versa. Quando sofrem um forte revez infligido pelos russos tratam logo de substituir as perdas com tropas enviadas da Belgica; quando se vêem aflitos na Belgica ou na França, os comboios despejam ali reforços vindos á pressa do oriente.

Mas estes expedientes, sem o

minimo valor estrategico, com que procuram ir atamancando uma situação desesperada, não lhe tem evitado serias derrotas, encontrando-se os russos a caminho aberto da Transylvania. A esperança que eles chegaram a pôr nos turcos, depois de a perder nos austriacos, acaba de sofrer um tremendissimo golpe.

Aguardava-se com anciedade o desfecho da batalha que de dia para dia se ameaçava travar entre eles e os russos no Caucaso. Foi ela constituída por uma serie de combates fulminantes, ininterruptos durante dois dias. Milhares de turcos rolaram, mortos ou feridos, pelo campo gelado accumulando-se os corpos por toda a parte tão horrorosamente que os combatentes tropeçavam n'eles e caíam.

Toda a região do Ardanha apresentava depois da batalha um indescritivel aspecto de desolação, como talvez até hoje ainda se não visse em ne-



Auto-canhões francezes de 75, destinados a atacarem os aeroplanos inimigos.



Morteiros de 270 francezes transportados para a linha de fogo

(«Cliché» Branger).



num dos pontos por onde se vem desenrolando esta espantosa carnificina.

Os officiaes alemães, que comandavam as tropas turcas, reconheceram pela primeira grande prova a que elas eram submetidas, que d'essa gente nada se podia fazer de confiança sob o ponto de vista de organização militar. Os que não eram varados pelas baionetas russas debandavam cheios de terror, desobedecendo ás vozes de comando e revoltando-se até contra esses officiaes. Muitos entregaram-se sem combate.

Meia duzia de derrotas valentes como a do Cau-

caso não deixariam de concorrer para abreviar a guerra, reduzindo o elemento turco á miseravel passividade que vae caracterizando o austriaco. E' de crêr, porém, que os alemães não os exponham novamente tão cedo em grandes massas e os fraccionem para irem entretendo em tiroteios por detraz das ramadas e das penedias mais uns mezes, ou um ano, quem sabe, este aborrecido e amaldiçoado conflito que ameaça levar á morte pela miseria e pelo desespero a muitos mais dos que n'ele morrem pelas armas.



1. Capote de um soldado atingido pela metralha de um obuz a'êmbão — 2. Capote de um soldado ferido por uma granada alemã. Os capotes ficaram inutilizados mas os feridos já estão curados—3. Novos recrutas do exercito servio



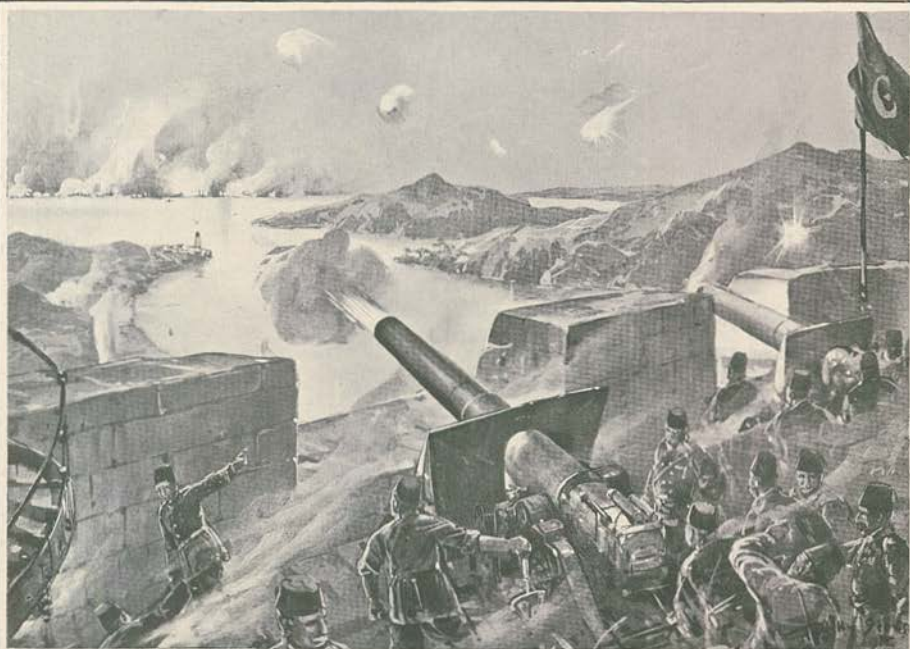
A czarina da Russia (2) e suas filhas as gran-duquezas Olga (1) e Tatiana (3) na Cruz Vermelha.



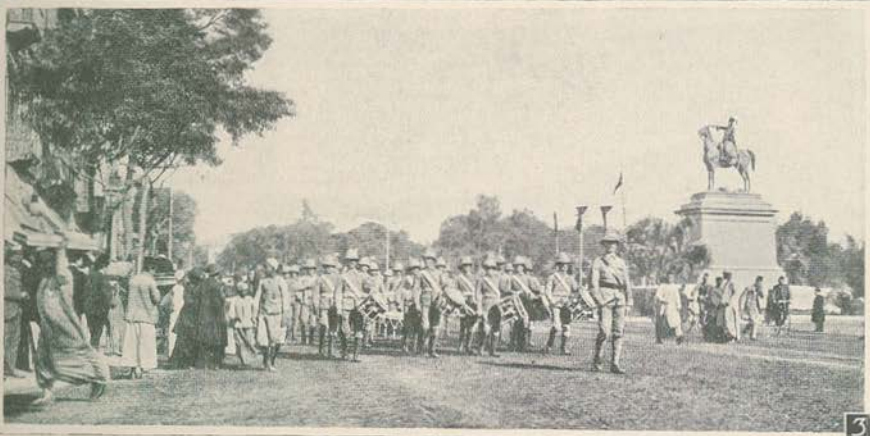
As quatro filhas do czar da Russia, gran-duquezas Maria, Tatiana, Anastacia e Olga



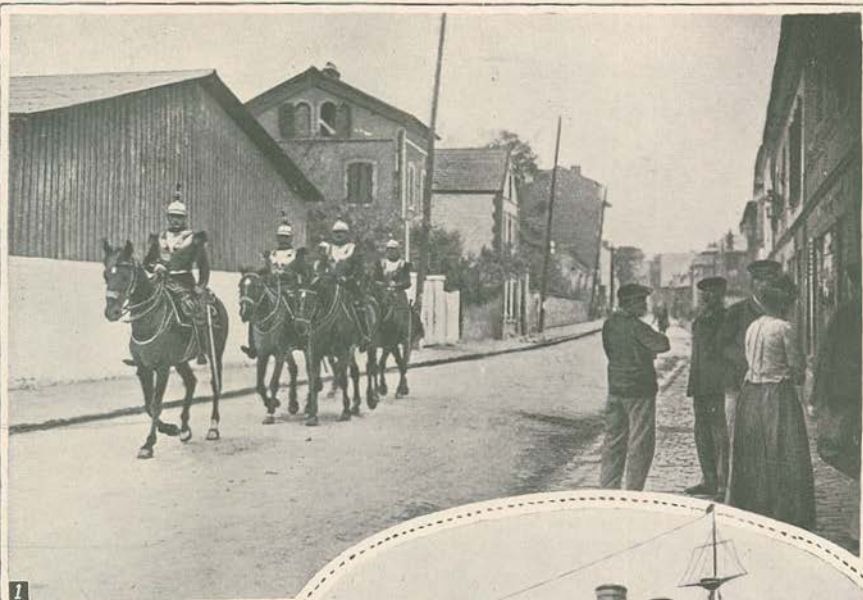
Defeza heroica dos francezes n'uma aldeia atacada pelos alemães



Um dos fortes dos Dardanelos defendendo-se do bombardeio das esquadras franco-inglesa



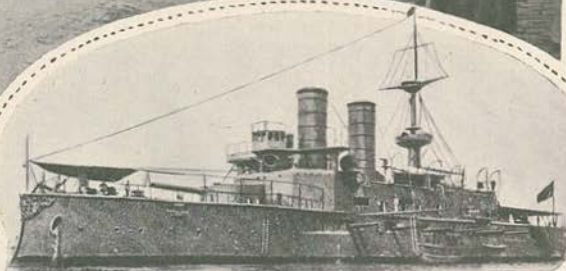
1. Tropas inglesas montadas em camelos.—2. Soldados ingleses e indios marchando para a guerra.
3. Tropas inglesas no Cairo.



1

1. Uma patrulha de couraceiros franceses.

2. O cruzador turco «Mes-sudieh» metido a pique por um submarino inglês nos Dardanelos.



2



3

Tropas austriacas atravessando um rio

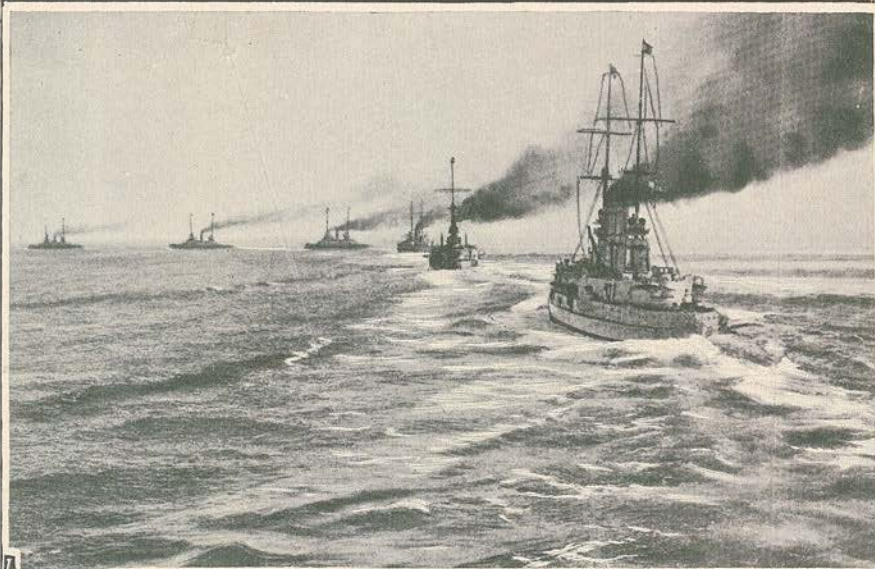


O rei Pedro da Servia observando do alto de uma colina uma das operações militares que terminou pela vitória dos servios

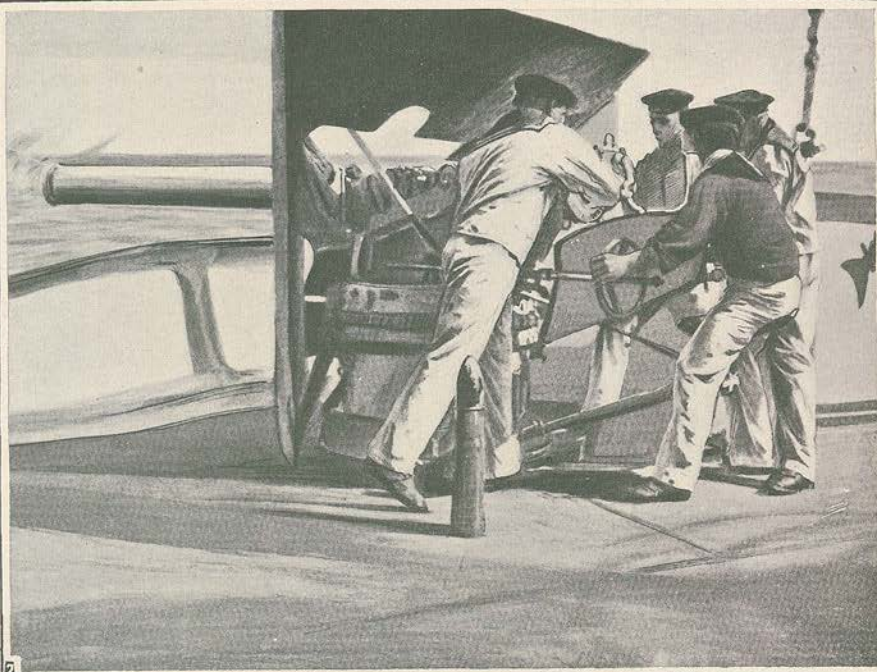
Os navios ingleses defrontando-se arrojadamente com a costalemã



O raid inglês a Cuzhaven foi a maior temeridade da atual guerra. A moderna Inglaterra respondeu com nobre desão e valentia ao repto que lhe foi feito pelos alemães nas suas costas. Os cruzadores que tomaram parte no raid foram, entre outros, o Undaunted e o... (Do Illustrated London).



1



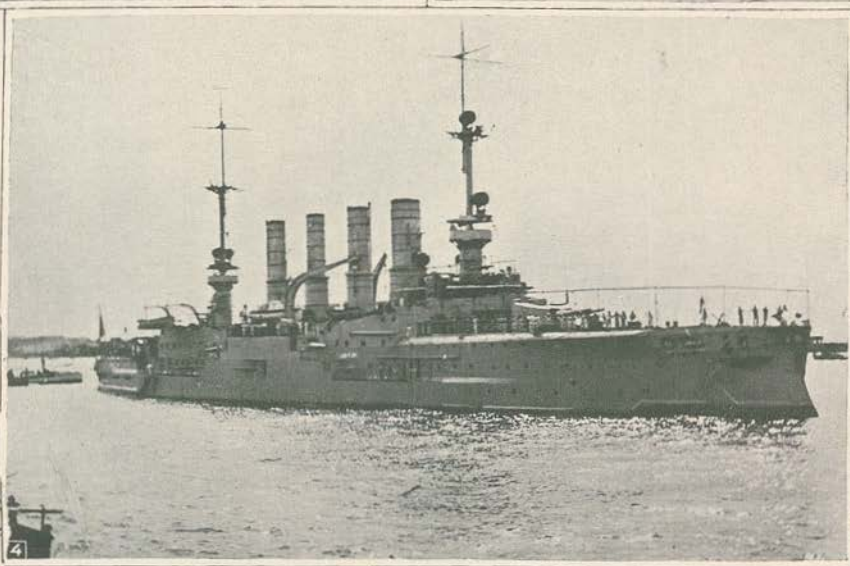
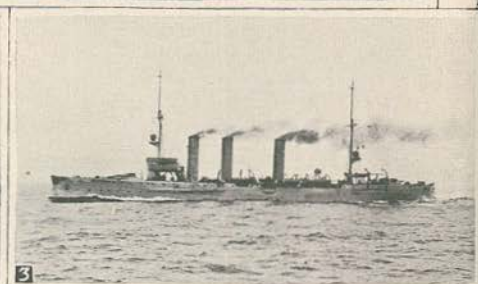
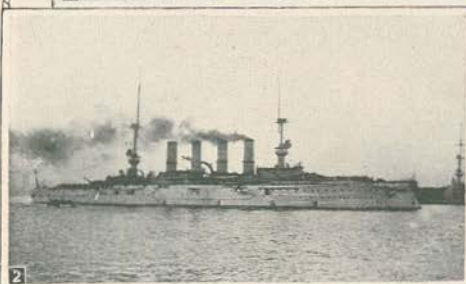
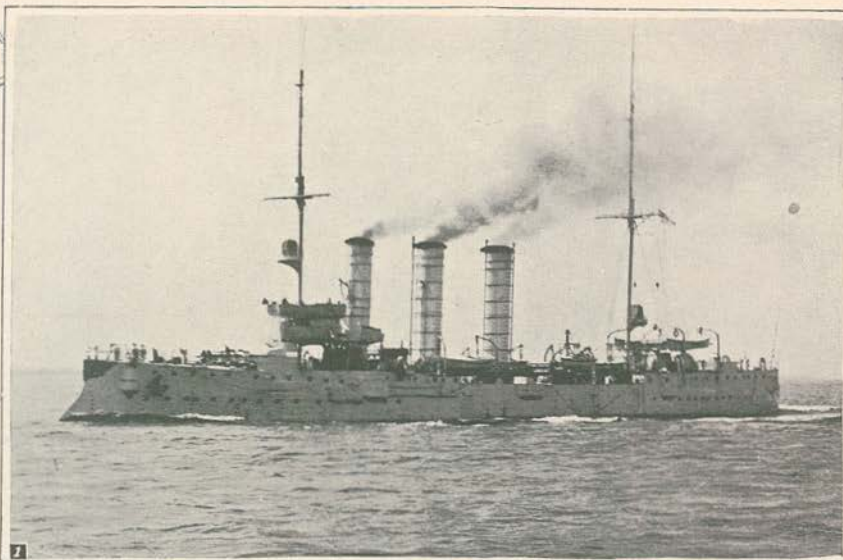
2

1. A esquadra inglesa no mar do Norte

2. A artilharia inglesa fazendo fogo contra o inimigo



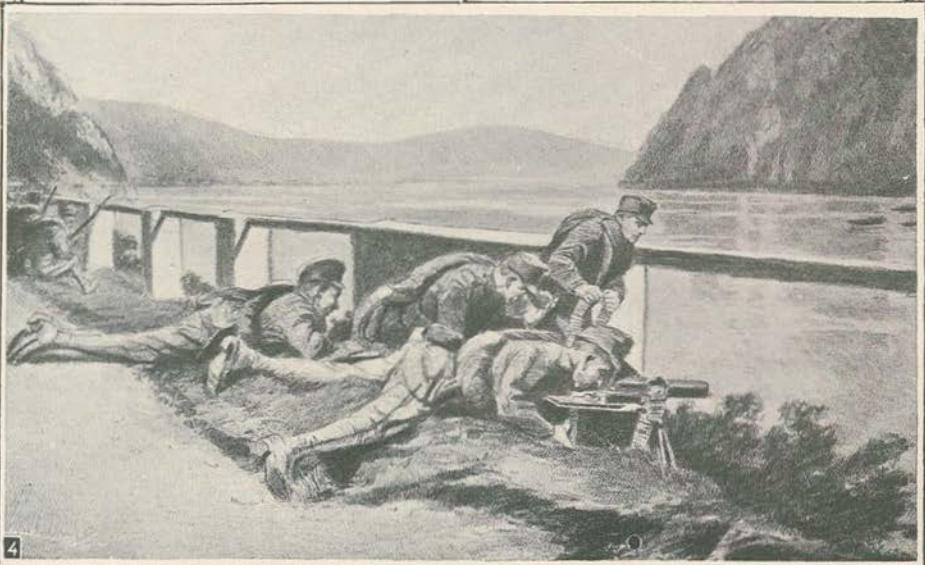
Trincheiras improvisadas do exercito servio.—(«Michê» Abeniacar).



Os cruzadores alemães: 1. Leipzig, 2. Scharnhoost, 3. Nuwnberg e 4. Gneisenau que ficaram completamente destruídos pelas esquadras aliadas no combate das ilhas de Faickland, na America.



Chegada de reservistas australianos a Plymouth.—(«Cliché» Chusseau-Flaviens).



1. Artilharia tomando posições.—2. O médico alemão com um prisioneiro francês ao pé da cama d'um ferido tam-
bem francês.—3. Feridos franceses jogando as cartas.—4. Uma metralhadora alvejando o inimigo.

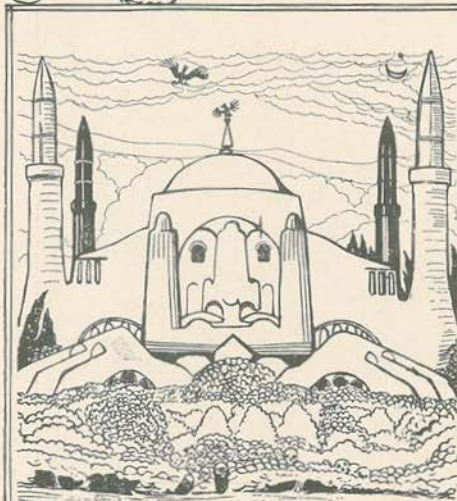


Uma bateria alemã em posição



Um posto telefonico de campanha

Os artistas e a guerra



Arquitetura alemã no Oriente: A nova igreja de Santa Sofia de Constantinopla. — (Guido Cadorin).



O Deus dos exercitos carregando a peça (G. Pioletti).



Durante a batalha:
Guilherme: — Uma noite de amor reparará tudo... Farei sobre este assunto uma conferencia com projeções.

(Do Pasquino).



Em família:
— Se o Deus das batalhas nos abandonar, montaremos uma empresa de demolições.

(Maximilien Luce).



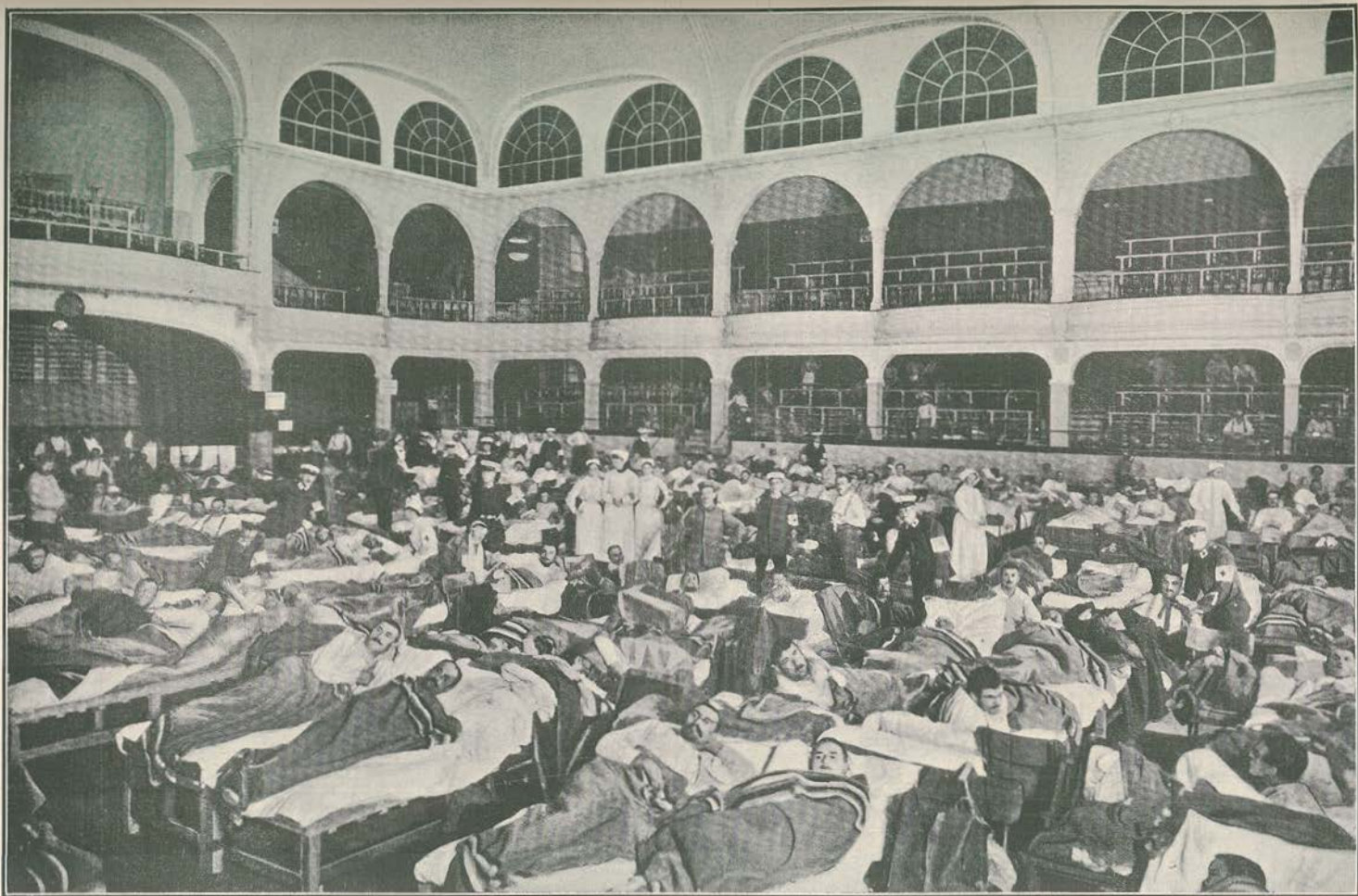
Em trecho do acampamento das tropas indias em França



Os índios preparando uma emboscada

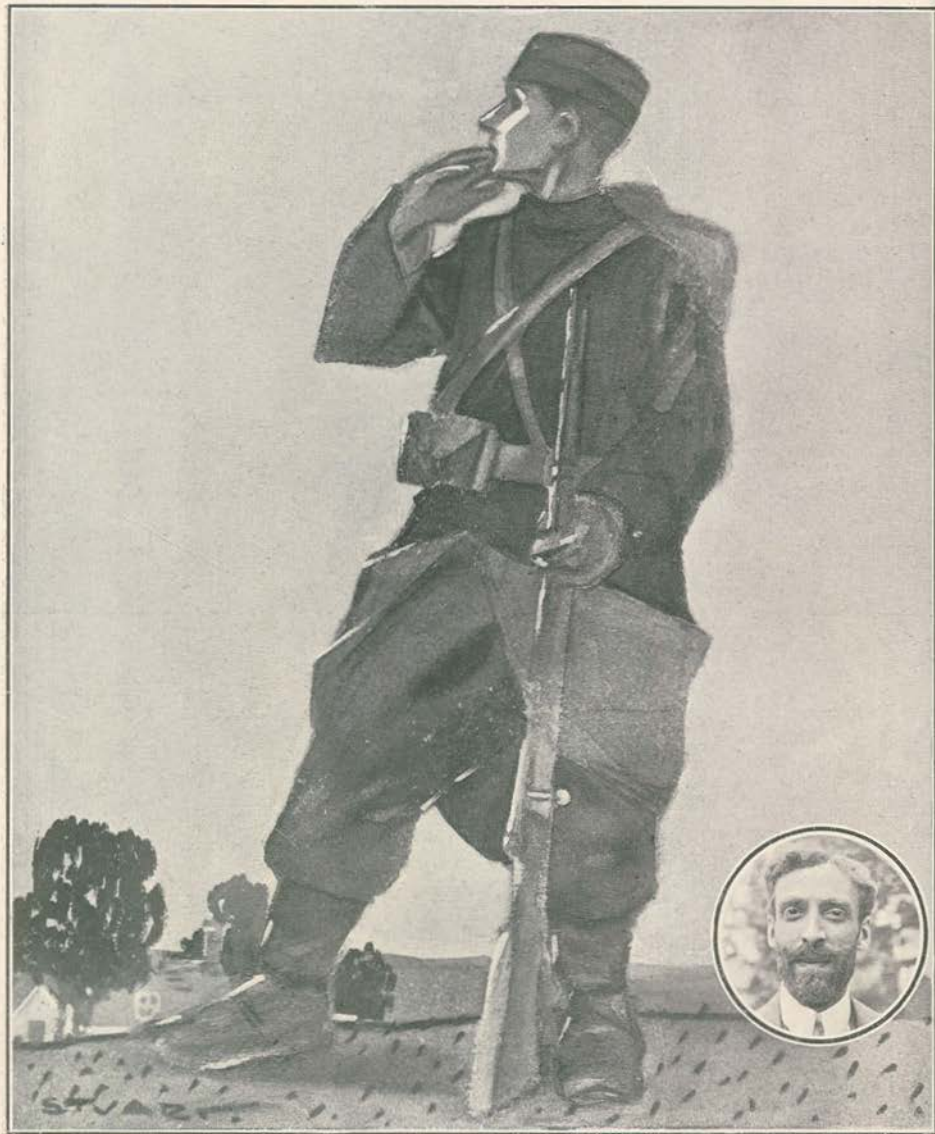


Uma patrulha de cavalaria austriaca em observação



O hospital de sangue alemão no hipódromo de Francfort

O RESERVISTA BELGA



Cavas o breve campo que assinala
a choupana em que viste a luz do dia.
N'esse palmo de terra compendia
teu peito a Patria, e vives para ama-la.

Cavavas, pois; e o cataclismo estala:
a guerra das nações. A aragem fria
da morte vem do Leste, e presagia
que vae toldar-se, em breve, o céu de opala.

O rei, então, seus subditos convoca:
E' preciso construir, na amada terra,
de corações formada, a viva doca.

O cavador nem a tarefa encerra;
a benção dos velhinhos pais invoca,
e lá parte animoso para a guerra.

JOÃO DE SALDANHA OLIVEIRA E SOUSA

INSTITUTO AGRONOMICO DE CAMPINAS

ESTADO DE S. PAULO

O viajante observador que percorra o Estado de S. Paulo, a primeira impressão que recebe é produzida pela sua maravilhosa riqueza natural. Resalta o plantio de café e de cana, mas se se der ao trabalho de melhor analisar verá que a fertilíssima terra paulista, por sua configuração geologica e topografica, se presta admiravelmente para a chamada cultura intensiva.

A observação diaria denuncia a que as in-

dustrias extrativas no Brazil, sendo na verdade excelentes meios de receita, são tambem fôcos de parasitismo nacional. Os habitantes, sendo certa a produção, abandonam, por completo, todas as outras fontes de produtividade. S. Paulo, adivinhando o grande prejuizo que essa inercia lhe acarretaria de futuro, tratou de se defender, atraindo a si o maior numero de elementos dinamicos que, espalhados pelo

interior, tornaram salubre a terra e próspera a colheita. O Estado creou e desenvolveu varias organizações tendentes a proteger o proprietario e o colono. Na hora em que se fez preciso o auxilio immediato á agricultura geral, fomentou o Instituto Agronomico de Campinas, que é o barometro registrator dos processos culturaes da terra.

Vimos esse Instituto. O seu illustre diretor D. J. Arthaud-Barthet, posto á nossa disposição por summa gentileza do digno secretario de agricultura dr. Paulo Moraes Barros, é um conhecedor profundo da sua especialidade e um convicto da futura prosperidade de S. Paulo, quanto á sua cultura intensiva. Fez-nos penetrar bem no âmago da organização vastissima a que preside. Recebemos a impressão que, aliás, já teem recebido os melhores viajantes, os que de perto se interessam ou



Um trecho do parque do Instituto Agronomico de Campinas

colidam com a defeza da terra paulista.

A letra do decreto que reorganizou o Instituto tem sido favorecida pelo desinteressado amor do seu corpo docente. Os fins são bem explicitos:

1.º Esclarecer os agricultores e industriais, quer ministrando-lhes conselhos provocados por consultas, quer satisfazendo os seus pedidos de analyses e experiências sobre terras, estrumes, sementes, plantas, rações, etc., quer espontaneamente procurando por meio do Boletim do Instituto, de relatorios, pareceres, circulares e outras publicações, vulgarisar as ciencias agricomicas, propagando e applicando seus preceitos na pratica rural.

2.º Empreender demonstrações praticas de cultura de plantas, de criação de animaes, de industrias agricolas nas dependencias do Instituto, ou em colaboração com os fazendeiros e industriais, na respectiva fazenda ou usina;—verificar os metodos, os processos mais economicos, dando maio-



O sr. dr. J. Arthaud-Barthet, diretor do Instituto.

res lucros; emfim, procurar determinar e traçar as regras scientificas e economicas, e o codigo da lavoura racional paulista.

3.º Iniciar, auxiliar e dirigir: o melhoramento da cultura do café; o aperfeiçoamento da policultura; a instalação, a boa exploração e o desenvolvimento das industrias agricolas, os melhoramentos ruars.

4.º Contribuir para completar a instrução profissional agricomic ou industrial dos diplomados pelas escolas agricolas do paiz, ou lavradores industriais.

5.º Realisar estudos das molestias das plantas uteis, das pragas da lavoura; dos respectivos tratamentos preventivos ou curativos.

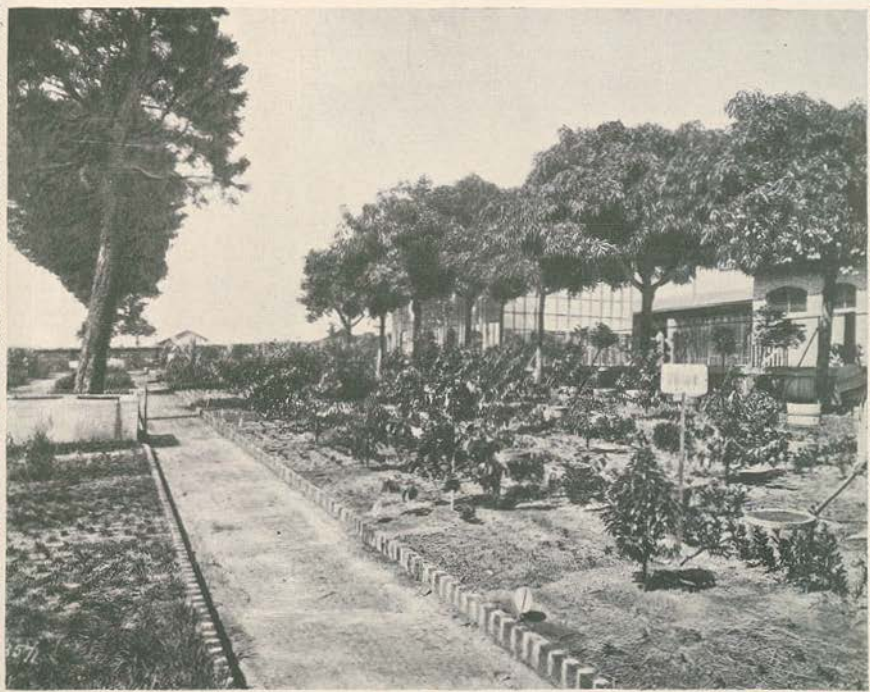
6.º Proteger e prevenir os lavradores quanto a fraudes e abusos no negocio de adubos, sementes, substancias alimentares e productos agricolas.

7.º Fazer investigações de biologia vegetal e animal, de quimica, industrias agricolas, agricultura, horticultura, silvicultura, sericicultura.

8.º Comunicar os trabalhos scientificos ou



Fachada principal do Instituto Agronomico de Campinas



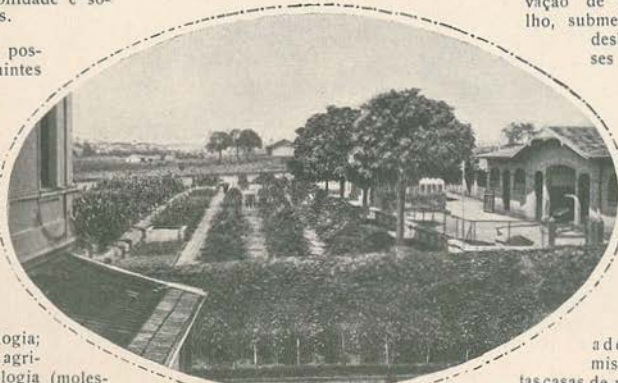
Um campo de cultura do café no Instituto Agronômico de Campinas

agronômicos às sociedades de agricultura, aos congressos, às instituições congêneres em permuta de idénticas comunicações, a fim de manter-se sempre ao corrente dos progressos feitos no estrangeiro.

9.º Fazer estudos de engenharia, economia, commercio, contabilidade e sociologia ruraes.

O Instituto possui os seguintes laboratorios, montados com todos os aparelhos modernos e funcionando com bastantes resultados praticos:

Biologia vegetal nas suas applicações á agricultura; Fisiologia; Microbiologia agricola; Fitopatologia (moestias de origem vegetal); Biologia animal applicada á agricultura; Zootecnia; Entomologia; Avicultura, Apicultura, Piscicultura; Quimica; Quimica organica e mineral.



Escola de caféicultura

Percorrendo todos os talhões de experiencia, vimos, minuciosamente, os trabalhos praticos que se estavam realisando, principalmente o da renovação de um cafezal velho, submetido á póda e

desbota anuaes. Esses campos de experiencia são a melhor escola para os praticantes da lavoura, dando-lhes a consciencia scientifica e a razão pratica do seu valimento. Já muitos fazendeiros intelligentes,

adeantados, antimisonieistas, e muitas casas de maquinas industriaes se tem aproveitado dos resultados d'estes estudos. E' com estabelecimen-

tos d'esta ordem, que o Estado de S. Paulo dá lições de capacidade administrativa ao Brazil inteiro.

Campinas, maio de 1914.

JOSÉ SIMÕES COELHO

TEATROS

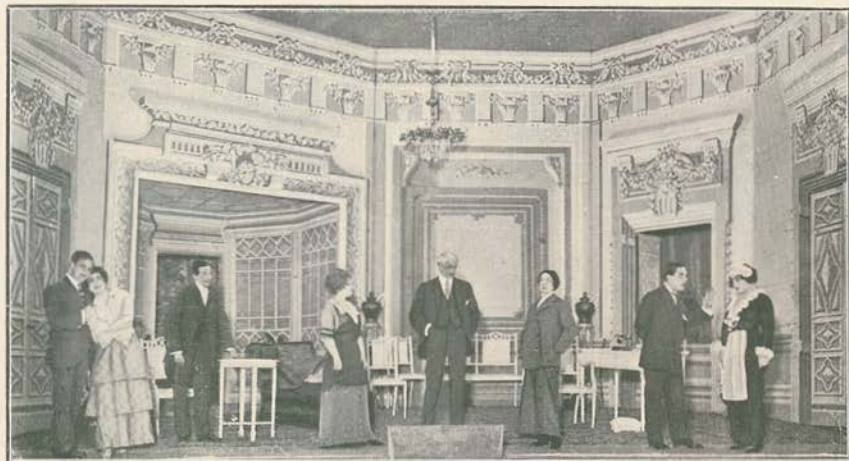
«A sopa no mel», no teatro do Ginásio

Paul Gavault é o autor feliz de *Mademoiselle Josette, ma femme*, da *Petite Chocolatière*, da *Ideé de Françoise* e agora da *Ma Tante d'Honfleur*, a que, em portuguez correspondem os títulos de *Minha mulher*, *noiva d'outro*, *Menina do chocolate*, *Bicho do mato* e *Sopa no mel*. O Polyteama ainda nos anuncia para esta época outra peça de Gavault *Un coup de téléphone* que é esplendida em desenvoltura e trages menores. O autor de tantas obras de espirito é atualmente diretor da *Odeon* e combate na guerra. E', no moderno teatro francez de boulevard, um triunfador. E, assim como em Tristan Bernard triunfa a alegria, em Caillevet e Fiers, o espirito—em Gavault o que triunfa é o engenho d'uma imaginação comica inexgotavel.

Esta *Ma Tante d'Honfleur*, que Melo Barreto traduziu admiravelmente, como sempre, é uma farsa em que os estafados motivos do estudante cabula

«A Aguia Negra», no teatro Apolo

Parece-me que era Eça de Queiroz quem confessava, entre os seus fracos, uma grande simpatia pelos dramalhões. Eu não digo que morra d'amores pela especialidade—mas tambem não desgosto, de vez em quando, de deitar a minha lagrima no casto reago da ingenua e de apostrofar, no meu fauteuil, o cinismo do tirano. Lisboa estava ha alguns anos sem este teatro—genero chouriço de sangue. O teatro Apolo, caçado de revistas e *couplets*, voltou agora a ele, lembrando-se dos tempos em que se chamava Principe Real e, todas as noites, salvava donzelas, matava galãs e castigava cinicos com uma liberalidade admiravel. E, para regressar aos seus primeiros amores, o Apolo foi procurar a mão experimentada e habilissima de tres dos seus autores prediletos, os srs. Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Vastos que, á velha intriga d'um romance de Julio Verne, foram procurar o tema para uma



Uma cena do 2.º ato da «Sopa de mel» cujo cenario é do distinto cenografo sr. Mergulhão

e da amante que se faz passar por mulher legitima ou noiva, são mais uma vez reproduzidos, mimados e declamados com todos os *trucs* do genero. Mas que infinita fantasia ha na forma de preparar, combinar e desfazer as situações! As farças de Gavault, mesmo as farças libertinas, como *Un coup de téléphone* ou *L'enfant du miracle*, dão uma impressão de fluencia na graça e de espontaneidade na tecnica, que é o principal segredo do seu exito. As cenas, os atos, decorrem sem fadiga—e o riso resulta facil, natural, irresistivel! E' uma fantasia que trabalha entre mil cordelinhos. Simplesmente, a gente não vê os cordelinhos e tem a ilusão de que ele trabalha em liberdade.

Ma Tante d'Honfleur tem graça, tem mesmo muita graça, tem um lindo cenario de Mergulhão e tem, sobretudo, aquella figura da rapariguinha que espera, destinada a esperar sempre, no amor e no prazer, nas viagens e nas alcovas, florida *gare* por onde os comboios passam e não param, e que é, na verdade, uma delicia de humorismo—e uma delicia de pequena.

peça de situações e de atualidade. *A Aguia Negra* é um drama popular, escrito para o povo—e, portanto com todas as ingenuas sinceridades com que é preciso escrever para uma plateia ruidosa e com o coração ao pé da boca. E a prova é que o publico, todas as noites, se comove e grita, durante o desenrolar das peripetias que as seguras qualidades teatraes dos tres autores de tantas vitoriosas peças de graça ligeira, maquinaram e combinaram, com muita felicidade, n'esta peça de violentas comoções. Dizem-me que, na primeira noite, houve um espectador que, em dada altura, indignado e tremulo, injuriou em voz alta a maternidade da personagem do tirano da peça. Estava comovido. Quando, em obras como *A Aguia Negra*, a comoção d'um portuguez atinge, na plateia, estas expressões lapidarias e definitivas—está tudo dito. O exito é seguro. Já não ha que duvidar.

A. C.